

com as extremidades levemente decoradas. O fuzilhão é cónico, rombudo, um pouco maior que o diâmetro do arco, seguro ao aro por um anel suficientemente largo para permitir o seu fácil deslizamento ao longo deste.

Como seria utilizada esta fivela? Mais do que um objecto de adorno, ainda hoje persiste no norte da África e as marroquinas que muito o usam, servem-se dele para prender os mantos. Por meio do fuzilhão atravessam as duas pontas que pretendem unir e, depois de o terem feito passar pela abertura do aro, fecham-na premindo-o com os dedos. As duas pontas do manto ficam assim presas, não se separando enquanto o aro não for de novo aberto. Fivelas idênticas são as de Briteiros, Sabroso, Pedrulha, Conímbriga, Numão, etc.

Talvez a origem destas fíbulas não seja tão remota como se pretende.

Vejamos a segunda fíbula. É muito decorada. Aparece-nos dentro de um círculo em relevo um busto romano. É interessante este objecto e pena é que não esteja completo, pois falta o anel onde o gancho devia prender.

Compõe-se de duas partes distintas em cadeia. A parte que possui o busto é dividida a meio da sua espessura (embora a fotografia o não revele) em duas faces destinadas a receber a extremidade da correia de cabedal. O pequeno orifício que ali se nota devia ser atravessado por algum espigão que unia as faces e prendia a correia. É também de cobre com uma bela pátina verde.

Finalmente, o último objecto é um botão semelhante a um de nossos dias, dos usuais em fardas, com a diferença de ser em cobre e coberto de uma pátina verde como a das outras duas peças.

ADRIANO VASCO RODRIGUES.

(Foto do arqueólogo Edgar Hennor).

A Quinta-feira de Ascensão em Portugal

A Quinta-feira de Ascensão, que marca o final do ciclo dos quarenta dias inaugurado com a Páscoa, compreende, em Portugal, além das cerimónias religiosas da liturgia cristã — e por vezes com elas relacionadas por determinados elementos —, certas práticas específicas e tradicionais, que parecem constituir fragmentos de complexos mágicos, cuja textura completa e significado preciso aparecem apenas em alguns casos raros.

No sul do País, a data é conhecida pela designação de «Dia da Espiga»; as pessoas saem para os campos, para colherem a «espiga», isto é, arranjam um raminho, que enquadra fundamentalmente uma espiga de trigo e um ranco de oliveira, e que se compõe, além destas espécies, de espigas, a preceito, de outros cereais — centeio, cevada, aveia, etc. —, e também rosas, papoilas, malmequeres, margaridas, ou outras flores campestres, em número e combinações variáveis conforme as localidades, mas certas em relação a cada uma, que se pendura dentro de casa, na parede da cozinha ou da sala, e aí se conserva um ano, até ser substituído pela «espiga» do ano seguinte, e a que se associa uma ideia expressa de virtude benfazeja. Em Bencatel (Vila Viçosa), por exemplo, o ramo consta de três espigas de trigo, e outras tantas de centeio, de cevada e de aveia, um ranquinho de oliveira e outro de fava, às vezes com rosas, papoilas, etc., que se guarda com a ideia de que traz fortuna à casa; em Santa Luísa (Ourique), ele consta de três espigas de trigo, três ranquinhos de oliveira e três papoilas, e crê-se do mesmo modo que ele tem «virtude»; em Beja e Almodôvar, o ramo leva cinco espigas de trigo, cinco de cevada, um ranquinho de oliveira e cinco papoilas vermelhas; em Lisboa, vendem-se pelas ruas, neste dia, raminhos de «espiga», que as pessoas colocam nas cozinhas; etc. (1). Em certas localidades, o costume ocorre sob formas mais complexas, com novos elementos, que aparecem ora isolados ora agrupados diversamente, ora mesmo referidos geralmente a celebrações diferentes. Assim, em Odesseixe, a «espiga» consta de três espigas de trigo, um ranquinho de oliveira, flores amarelas e papoilas, que se amarram com uma fita e se dependuram assim na parede; quando há trovoadas, queima-se, para as abrandar, uma folha de oliveira deste ramo, o que parece representar a absorção por sobreposição de uma prática que normalmente diz respeito à oliveira do dia de Ramos; em Palmela, a «espiga», que se compõe de três espigas de trigo, três papoilas, três malmequeres brancos e três amarelos, e do ranquinho de oliveira, espeta-se numa fatia de pão, e deixa-se assim ficar até ao dia da Espiga do ano seguinte, em que cada pessoa come um pedaço desse pão, que se conserva incorrupto; na região de Elvas, nesta data, do meio-dia para a uma hora — isto é, durante a *reza da hora*, que tem lugar na festa da igreja — deve-se apanhar cinco espigas de trigo, cinco folhas de oliveira, e as flores amarelas e brancas que se puder, rezando-se, ao fazê-lo, cinco Padre-Nossos, cinco Ave-Marias, e cinco Gloria-Patris, para que se não acabe em casa, nesse ano, o trigo, o azeite, o ouro e a prata (2). No concelho do Cadaval, de modo semelhante, colhe-se à uma

hora da tarde deste dia uma espiga de trigo — que significa abundância de pão —, um ranquinho de oliveira — que afirma a paz —, e um malmequer amarelo e outro branco — que prometem fartura de ouro e prata respectivamente, durante o ano; ao mesmo tempo, naquele período propício — do meio-dia para a uma hora —, corta-se uma fatia de pão macio, que se conserva sem ganhar bolor até igual data do ano próximo, em que à mesma hora, se come, cortando-se nova fatia igual para o ano a seguir, e entende-se igualmente que da sua conservação resulta abundância de pão para todo o ano (3). Na Figueira da Foz, entende-se também que, neste dia, ao meio-dia, é bom guardar um bocado de pão, que ficará incorrupto até ao ano seguinte, e que trará fartura à casa (4). Etc..

Noutras regiões, relativamente raras, as celebrações deste dia, sem perderem o seu carácter propiciatório genérico, tomam um aspecto diverso, em que se afirma o significado mágico-cerimonial do leite. Assim, na Esperança (Arronches), a data leva mesmo o nome de «Dia do Leite»; os lavradores, que normalmente fazem queijo com o leite das suas vacas, ovelhas e cabras, nesse dia ordenham-nas e dão-no a qualquer pessoa que vá ao bardo. Em certas freguesias do concelho de Pinhel, de modo parecido, o leite das vacas, ovelhas e cabras dos diferentes vizinhos, ordenhado nesse dia, é por eles oferecido ao pároco (5); no concelho do Cadaval, crê-se que este leite não coalha; e na Beira, o queijo que com ele se fabrica, é mezinha contra sezões (6). Conhecemos, por outro lado, o uso, em alguns lugares (7), do *leite de mãe e filha* (que tanto pode ser humano como animal), como terapêutica preventiva contra o *mal de gota* — ou seja, a epilepsia, o *grande mal* ou *mal sagrado* dos antigos. Em S. Lourenço da Montaria, na Serra d'Arga, encontramos um costume complexo, que parece integrar e coordenar todos estes elementos, e precisar o seu significado dentro das práticas específicas da ocasião: a Quinta-feira de Ascensão leva ali o nome de «Dia da Hora» (8); do meio-dia à uma hora — a *Hora*, tal como a vimos definida noutras partes —, tem lugar na igreja um serviço religioso de Adoração, findo o qual toca o sino; postadas nos montes próximos, pessoas com porta-vozes anunciam às freguesias circunvizinhas esse toque — isto é: a Hora —; nesse momento preciso, as crianças que, desde manhã, se reuniram em casa de qualquer lavrador que tenha uma vaca e uma vitela filha desta, ambas a darem leite, bebem o leite da mãe e da filha, que previamente se misturaram — e isto para se livrarem do perigo de virem a sofrer do terrível *mal de gota*.

Um outro aspecto das celebrações deste dia, que afirma o seu

carácter sagrado e eminentemente festivo, é o das proibições rigorosas de trabalho, que nele atingem o nível do maravilhoso (9); em Lousada (Penafiel), por exemplo, não se coze nem se remenda, e muitas vezes deixa-se mesmo a comida feita de véspera, para não se cozinhar; e diz-se que no dia da Ascensão, «nem os passarinhos bolem nos ninhos»; na mesma ordem de ideias, em Turquel, diz-se que as aves suspendem nesta data a construção dos ninhos (10), sem dúvida pelas mesmas razões que vimos em Lousada; e em Elvas, completando esta crença, e pondo-a em relação de sincretismo com o motivo anterior, entende-se que os pássaros não vão aos ninhos, mas apenas durante o período da Hora (11).

Finalmente, conhecemos em Quintanilha, na raia transmontana a leste de Bragança, o costume do jogo da «cantarinha», que ali é próprio do dia da Ascensão: rapazes e raparigas andam em grupo pelas casas a pedir cântaros velhos, que juntam e enfiam, pela asa, numa vara, que dois homens transportam; no largo maior da aldeia, põem-se as pessoas todas em roda, e vão jogando os cântaros de uns para os outros; quando um cai e se escaca, há grande risada, faz-se troça de quem o deixou cair, e recomeça-se com outro cântaro, até se destruírem todos. Já noutra sítio estudamos este jogo, entre nós habitualmente próprio do Carnaval, que ocorre em vários lugares e países, e cujo carácter de prática mágica profiláctica e de purificação parece fora de dúvida, exprimindo-se no sentido de «porte-bonheur» que lhe é atribuído em França (12).

A Quinta-feira de Ascensão parece pois ser de um modo geral considerada um dia fasto, em que se não trabalha, porque sobrelevam os elementos sacros e festivos, e cuja virtude se manifesta através de determinadas práticas e em certas espécies consagradas, que aparecem nessa ocasião investidas de poderes benéficos. Na maioria dos exemplos do sul, em que as celebrações deste dia se reduzem à apanha da «espiga», essas espécies não constituem propriamente alimentos, e a sua acção não se opera por manducação; mas elas dizem evidentemente respeito à vida agrícola e à economia alimentar, (13) e a sua natureza talismânica expressa, concretizada por vezes com toda a precisão de acordo com os princípios gerais do imitativismo, incide confessadamente sobre a fortuna e a fartura. Em alguns casos, vimos a «espiga» associada ao pão, cuja incorruptibilidade se justifica pela sua própria virtude, e que no exemplo da Figueira da Foz mostra um sentido que legitimamente se pode generalizar aos demais casos em que o mesmo motivo aparece sob formas idênticas, embora sem menção de benefícios. Existem portanto duas práticas diversas e possivelmente independentes, tendo ambas em vista a pros-

peridade e a fartura, que parecem por isso exprimir a ideia fundamental que se associa a este dia, e que, por convergência de intenções, às vezes se justapõem.

O leite, pelo seu lado, beneficia do mesmo modo das virtudes do dia, assumindo em certos casos uma natureza apotropaica concisa, ou pelo menos um valor cerimonial significativo, que cremos explicar a verdadeira estrutura das crenças dispersas em que ele intervém, independentemente de datas calendárias. O que porém se nos afigura mais digno de reparo, é a articulação destes vários motivos — a «espiga», o pão incorruptível, o leite e as proibições maravilhosas de trabalho —, nesse outro da Hora — o período propício compreendido entre o meio-dia e a uma hora, em que os poderes mágicos se manifestam e adquirem, que coincide com a hora sagrada da liturgia cristã, e que constitui a particularidade mais original e o sentido mais exacto destas celebrações. Note-se ainda a este respeito, que na região de Elvas, finda, na igreja, a *reza da hora* que atrás referimos, durante a qual os pássaros não vão aos ninhos, soltam-se, do coro e das tribunas, passarinhos, ao mesmo tempo que sobre os fiéis se espalham flores desfolhadas (14); e na Branca (Arbergaria-a-Velha), enquanto os Padres fazem as rezas depois de terminada a missa da Senhora, os mordomos andam com açafates de pétalas de flores, atirando-as ao povo, que as apanha e leva para casa, para as enterrarem nos batatais, a fim de os preservar do «arejo». Estamos aqui perante um caso de apropriação e adaptação de um motivo religioso, por parte do pensamento mágico, que o incluiu numa construção dessa categoria, deformando-lhe o seu sentido específico. Finalmente, na prática de Odesseixe e no jogo de Quintanilha, vemos igualmente a absorção de elementos estranhos, que aqui são também mágicos, mas normalmente próprios de outras datas, e que esta festividade polariza e assimila pela força do seu poder de atracção sobre todos os elementos favoráveis daquela natureza, com que entra em relação (15).

NOTAS

(1) Por excepção, temos notícia, em Vila Real de Trás-os-Montes — portanto no Norte —, do costume da apanha de um raminho de oliveira neste dia, «o que às vezes origina pendências graves com os donos das propriedades» (Cfr. A. Gomes Pereira, *Tradições Populares e Linguagem de Villa Real*, que relaciona o facto com o costume da «espiga» lisboeta; in: «Revista Lusitana», vol. x, n.ºs 3-4, Lisboa, 1907/1908, pág. 215). Este costume parece-nos ter sido influenciado simultaneamente por aquele que é geralmente próprio do dia de Ramos, e pelo da «espiga» do Sul do País. A este respeito, veja-se ainda a prática de Odesseixe, que parece também representar um caso de sincretismo e confusão de práticas e crenças, próprias do dia de Ramos e do da Ascensão, pela unidade do objecto: o ranquinho de oliveira, que figura em ambos os casos.

(2) Cfr. A. Thomás Pires, *Investigações Ethnographicas*, in: «Rev. Lusit», vol. XI, Lisboa, 1908, pág. 263.

(3) Cfr. José Maria Adrião, *Tradições Populares colhidas no concelho do Cadaval*, in: «Rev. Lusit.», vol. VI, Lisboa, 1899, pág. 99.

(4) Cfr. M. Cardoso Martha e Augusto Pinto, *Folclore da Figueira da Foz*, Esposende, 1912, tomo II, pág. 48. Em França, cfr. Arnold van Gennep, *Manuel de Folklore Français Contemporain*, tome premier, IV, *Cérémonies Périodiques Cycliques*, 2 «Cicle de Mai» La Saint-Jean, Paris, 1949, pág. 1451: «O carácter fasto ou sagrado (desta data), faz com que... os ovos postos neste dia sejam considerados incorruptíveis e possuidores de virtudes mágicas»; e pág. 1652, indicam-se algumas dessas virtudes, referidas ao cântico de Sartène, na Córsega: tais ovos são: «aptos para afastar as chamas das casas, das oliveiras e das searas, para abrandar os ventos e ciclones, para calmar as ondas, para conter as inundações, e, postos à cabeceira de um doente, para assegurar a sua cura».

(5) Cfr. Manuel Joaquim Delgado, *Credences, superstições e adágios do nosso Povo*, in: «Mensários das Casas do Povo», ano X, n.º 104, Lisboa, Fevereiro de 1955, págs. 16/17.

(6) José Maria Adrião, *op. e loc. cit.*, pág. 124. Alexandre de Carvalho Costa, *Expressões Populares do Alto Alentejo*, in: «Rev. Lusit.», vol. 36, Lisboa, 1938, pág. 284, informa que, depois dos esponsais, «mãe do noivo tem por hábito levar à noiva (no dia de Ascensão, denominado também *Dia da Maia do Coração*), um requeijão de canado. A noiva parte o requeijão ao meio, dá metade à futura sogra e a outra metade é distribuída por todas as pessoas das suas relações», e, se alguém é esquecido, o facto «será levado em desconsideração». Deverá entender-se este costume como mais uma afirmação do carácter cerimonial do leite ou seus derivados, neste dia, e numa região de economia pastoril?

(7) Por exemplo, em Vilarinho (Vila do Conde).

(8) A este respeito lembramos também a popular romaria da Senhora da Hora em quinta-feira de Ascensão.

(9) Em França, A. van Gennep, *op. e loc. cit.*, fala também no preceito geral de que não se deve trabalhar nos dias feriados, referindo-se ao dia da Ascensão; e menciona a excepção, que ocorre no cântico de Gorrion, na Mayenne, em que, neste dia, se entende que se devem tosquiar os carneiros.

(10) Cfr. José Diogo Lopes, *Turquel Folclórico*, pág. 75.

(11) Cfr. A. Thomás Pires, *op. e loc. cit.*, pág. 266.

(12) Cfr. Ernesto Veiga de Oliveira, *Os Bombos de Fafe, e outras diversões de carácter periódico*, e *O Jeu de Toupiole em Portugal*, in: «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vols. XIII, fasc. 3-4, Porto, 1952, págs. 267 e 269/270 e XV, fasc. 1-2, Porto, 1954, págs. 110/111.

(13) Van Gennep, *op. cit.*, págs. 1650/51, dá notícia de vários costumes em França — cortejos e outros —, que parecem representar cerimónias de carácter agrário.

(14) Cfr. A. Thomás Pires, *op. e loc. cit.*, pág. 266.

(15) Acerca de Elvas, Thomás Pires, *op. e loc. cit.*, pág. 262, fala na crença de que, «em chovendo na tarde do dia de Ascensão, as nozes apodrecem e todos os frutos sairão pecos». Representará isto uma excepção sem outra explicação, ao princípio do carácter geral fasto do dia?

Porto, Março 1957.

ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA,
do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.